

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

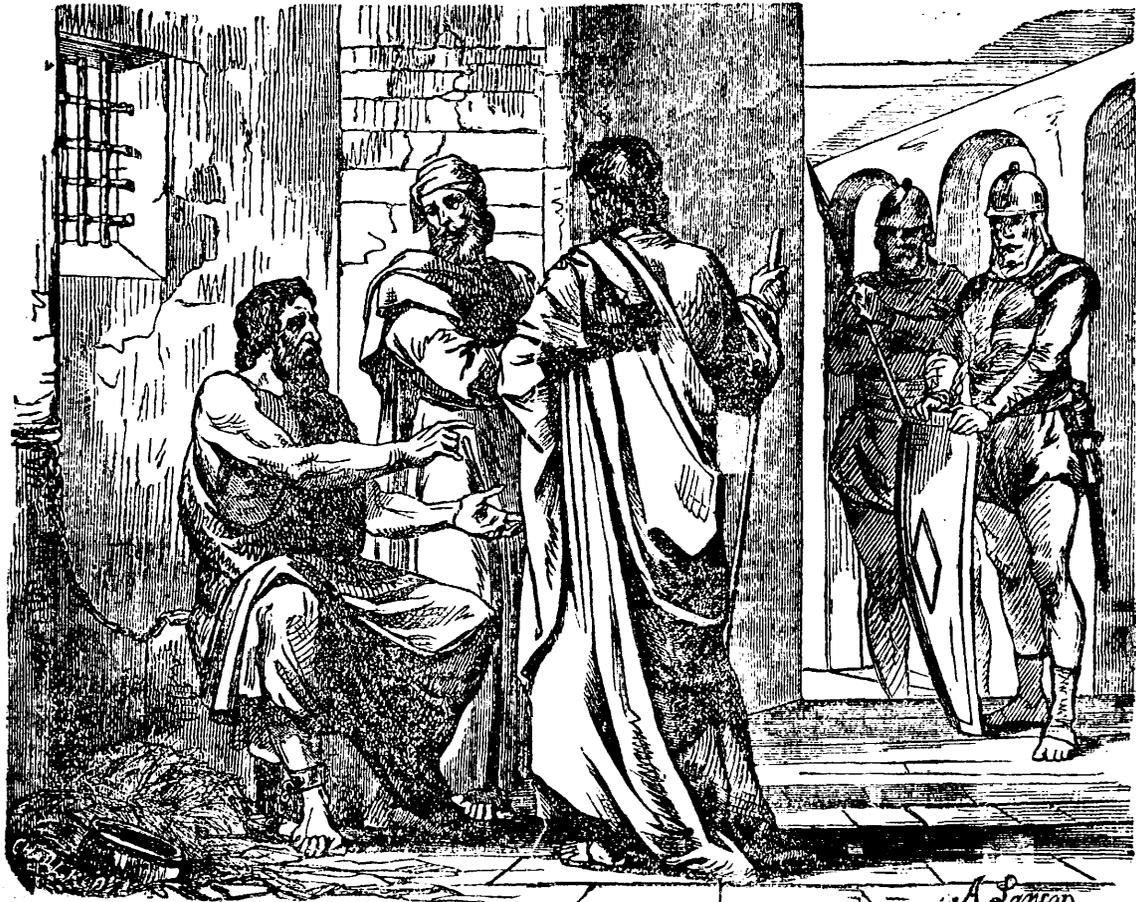
RELIÇÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quæ sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiæ... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAL: *A procissão dos milagradados em Lourdes* (tradução); — *Pelo bem e só pelo bem*, pelo rev.^{mo} sr. Padre Antonio Vaz de Proença Nobre. — SECÇÃO CRITICA: *Lourdes em presença*, pelo ex.^{mo} sr. A. S. F.; — *Macaquear*, pelo ex.^{mo} sr. José Maria Guerreiro. — SECÇÃO HISTORICA: — *Frei Thomaz de Torquemada*, pelo rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; — *Bemfeita* (Descrição estatística), pelo ex.^{mo} sr. Albino S. D. C. — SECÇÃO LITTERARIA: *Milicia Christã* (2.^a parte) pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya; — *Um cura d'aldeia* (conto). — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Barrabás no carcere*; — *S. Thomaz de Villanova, Arcebispo de Valencia*. — RETRÓSPECTO.

Gravuras: *Barrabás no carcere*; — *S. Thomaz de Villanova, Arcebispo de Valencia*.



BARRABÁS NO CARCERE

SECCÃO DOCTRINAL

A procissão dos miraculados em Lourdes

(TRADUÇÃO)

ESTA procissão devia ser a maravilha da peregrinação nacional de 1897; foi a maravilha das maravilhas de Lourdes. Uma só palavra diz tudo: Nunca em Lourdes se viu coisa igual.

Como descrevel-a? Nem sei por onde começar. Seria mister um livro para registar uma a uma todas as commoções, para pôr em relevo todos os esplendores, e um livro só não bastaria: seria necessario o pincel de Raphael para illustrar cada pagina d'elle.

No domingo, 22 d'agosto—aqui está a sombra do quadro, a sombra sobre a qual a Immaculada vae desenhar alguma coisa para nós desconhecido—sobreviu uma tempestade sobre Lourdes. No mesmo ponto em que, pelo declivio do Rosario, começavam a fluctuar as 300 auriflammas dos miraculados, uma rajada de vento as ergueu, e a chuva, um diluvio de chuva, começou a cair no meio d'um nevoeiro espesso, que não deixava distinguir nada. Durou isto tres horas: 30:000 peregrinos arrostaram a tempestade com um heroismo que nunca se poderá elogiar assaz. Evidentemente a festa tinha-se mallogrado. E se se mallograra de dia, o mesmo succedeu á noite, pois que a procissão nocturna não pôde realizar-se por causa do diluvio d'agua, que cahia.

Ainda bem que no dia seguinte o sol amanheceu radiante. O céu sereno promettia-nos um d'esses dias que tudo compensam: acontece assim muitas vezes na região dos Pyreneus e principalmente em Lourdes.

Ao romper da manhã o povo começa a agitar-se, segundo o seu costume, e todos foram avisados de que a procissão dos miraculados se realisaria ás 3 horas. O domingo tinha sido um dia de provação; a segunda-feira devia ser um dia de gloria.

São 3 horas, e apparece alguma coisa do que todos os olhos tem visto, o coração tem sentido, os ouvidos tem escutado. Imagine-se 40:000 peregrinos, espalhados por toda a parte, ao longo do Gave, pelos atalhos, pelos caminhos, por cima das Espélugas, nos altos e nos baixos, em todos os lados. Sae da Basílica da Immaculada Conceição o estandarte dos peregrinos de Jerusalem. No exergo, visiveis a todos os olhos, lêem-se estas palavras, divisa dos cruzados de outr'ora e dos de hoje tambem: *Deus o quer!* E' hasteado pelo sr. Raymond Calusac, presidente da com-

missão hospitalar de Nossa Senhora da Saude. Após este estandarte vão 20 bandeiras diversas, mas por entre estas desfilarão as auriflammas, conduzidas pelos miraculados. Uma, duas, dez, vinte! Caminham vagarosamente no percurso da rampa do Rosario, do lado do Gave. Nos ares reboam canticos graves, magestosos, tocantes. Em cada uma das auriflammas lêem-se as palavras: *Peregrinação nacional* (1873-1897). Depois, em caracteres maiores, a palavra—*Jubileu!*

E' effectivamente um jubileu, o mais bello, mais divino, mais commovente, mais extraordinario de todos os jubileus, o *jubileu* do Sobrenatural e do Milagre.

As auriflammas continuam a apparecer, succedendo-se umas após outras, no meio d'uma commoção impossivel de se conter. Toda a gente está alli com a alma completamente dominada, subjugada.

Por toda a parte as cabeças descobertas; quanto a vista pôde alcançar, nem um só chapéo na cabeça.

Então veio-nos á mente o texto de S. João: *Ostendit mihi civitatem sanctam Jerusalem, descendentem de coelo a Deo, habentem claritatem Dei!* Vi a cidade santa de Jerusalem descendo do céu, cercada da claridade de Deus! Porque este cortejo inaudito de 300 miraculados que se desenrola, que se multiplica, que se redobra e que entôa canticos do céu, caminha como envolto em luz.

Cada curado leva ao peito uma cruz branca que o faz distinguir no meio das pessoas da sua familia.

Alli vae Carolina Esserteau, a celebre curada de Poitiers; depois Maria Le Marchand; em seguida Maria Lebranchu, a *Griotte* de Zola; após esta outras muitas pessoas cujos nomes são conhecidos.

Vão alli os que já foram cegos; tuberculosos d'outros tempos; antigos paralyticos, antigos hydropicos, antigos cancerosos, homens, mulheres, creanças de todas as regiões, vindos de todas as provincias, habitantes d'um grande numero de cidades: *ex omni lingua, et natione, et populo laudem Domino annuntiantes!*

Os pobres são a maioria, mas tambem ha alli damas illustres, e um *medico*, o dr. Haquin, de Dinam. Todas as classes alli estão representadas.

Ha já muito tempo que o cortejo desce e ainda a ultima auriflamma não apparece a fechar a procissão. De quando em quando, aqui e alli, alterando a uniformidade das côres, surge a bandeira das peregrinações, levada pelos religiosos d'Assumpção e pelo grupo dos peregrinos de Jerusalem, a das Irmãsinhas da Assumpção, a dos

conductores dos enfermos, a da Hospitalidade de Nossa Senhora de Lourdes, etc., etc. Não me lembro de mais nada; esqueci-me do mais; e como não me esquecer no meio d'um tal espectáculo sem precedentes nos annos do mundo, quando os nossos olhos, a nossa alma, o nosso coração, tudo está preso, transformado, arrebatado! O serviço da organização a cargo do Marquez de Laurens-Castelet admiravel!

Nem um encontrão, nem um murmuro, nem uma sombra de queixa. Os religiosos de todas as ordens caminham no meio dos ecclesiasticos de todos os paizes. As suas fileiras prolongam-se indefinidamente; depois cabe a vez ao clero paramentado de casulas; em seguida vem o pallio rico e sob elle Monsenhor Bouvier, Bispo de Tarentaise, leva o Santissimo Sacramento em custodia de oiro. Diversos Prelados peregrinos estão sob incognito. Quando cheguei defronte da Gruta, todas as auriflammas brancas e todas as bandeiras estavam alçadas. Levou 25 minutos a chegada d'ellas desde a primeira á ultima.

Então uma multidão de vozes rompe, á semelhança do fragor d'uma tempestade, tempestade divina de amor. E' para acclamar com um grito de triumpho o Filho da Immaculada que chega n'aquella occasião: *Hossanna! Hossanna ao Filho de David!* E lá em baixo, muito ao fundo, á distancia d'um kilometro, ouvia-se o echo responder com o sussurro indefinivel que se assemelha a uma descarga de mosqueteria.

Como descrever esta scena? Como pintar a Gruta n'este momento? Um feixe de 400 auriflammas está alli deante dos olhos da Virgem branca na cavidade da rocha.

Ellas mexem-se como espigas, proclamando conjunctamente n'este campo do milagre as misericordias ineffaveis da Mãe de Deus pela França. As commoções redobram, os corações enternecem-se e as lagrimas correm em silencio dos olhos de uns, misturadas com mil aclamações d'outros, lagrimas intimas dos filhos que dizem a sua Mãe que sempre, sempre a amarão!—«Abaixa as auriflammas!» exclama o Padre Picard, e as auriflammas foram logo abaixadas. A alva estatua domina-as então. Ella apparece agora mais bella, mais recolhida, mais sorridente, mais transfigurada que nunca, acima do exercito dos seus miraculados.

Ouve-se uma voz tremula: é a voz que se tinha erguido na vespera, quando Monsenhor de Cabrières pronunciou pela primeira vez o acto de consagração dos curados á sua Mãe, a voz de Monsenhor Bouvier, o Bispo celebrante d'este dia, que repete a mesma consagração. Momento sublime entre todos

e que nenhuma lingua é capaz de contar áquelles que lá não estiveram!

Em seguida foi dada a benção. . . As frentes curvaram-se até á terra, e durante alguns minutos reina profundo silencio; depois o *Magnificat*, o mais bello *Magnificat*, o mais cheio de quantos se têm ouvido em Lourdes, arrebatava todos, emquanto as bandeiras e as auriflammias começam a ir sahindo do lado das piscinas. O *Magnificat* foi seis vezes cantado consecutivamente, sendo uma vez alternado com o côro do cantico da Esperança.

Virgem, nossa Esperança,
Sé nossa protecção!
Salva, sim, salva a França,
Não a abandones, não!

Decorre meia hora. A' vista da multidão innumeravel de espectadores, continua a desfilar, durante uma hora, a travéz das avenidas da Esplanada, este cortejo unico, com uma incomparavel magestade, cantando sempre o seu *Magnificat* de reconhecimento!

O que eu tenho feito por descrever, é o milagre do passado, o milagre vivo e affirmativo do nome de Deus, deante do que foi appellidado fallencia da sciencia, vencida pelo Sobrenatural; é o movimento prodigioso annunciado, ha cem annos, pelo conde de Maistre, para o fim d'este seculo, por ordem divina; é, enfim, a voz da França que, pela bocca de 300 miraculados, fallando em nome de muitos milhares, eleva em concerto as suas acções de graças ao céu.

Só falta agora dizer a resposta que Nossa Senhora de Lourdes deu á Peregrinação nacional, para lhe agradecer o seu jubileu.

Representae-vos a praça do Rosario, tornada um hospital immenso, onde, sob o tremular de 300 auriflammias, agrupadas agora deante da fachada, estão reunidos 300 grabatarios, dispostos em losango... para receber a visita do Deus da Eucharistia e pedir-lhe a sua cura.

Jesus, Jesus, Jesus, tende piedade de nós! Trinta mil peregrinos estão curvados em redor d'elles. Todos os olhos se tem fixado nos pobres doentes, todas as esperanças allí estão concentradas, todas as commoções se repetem. Os corações pulsam, os canticos fervem. O nome de Nossa Senhora de Lourdes é proferido por todas as boccas. O Padre Picard, ao cabo de meia hora, toma a palavra. Mostra aos doentes os antigos miraculados que foram cheios de fé, e dirigindo-se então a todos aquelles que jaziam deante d'elle, exclama: «Vós tambem, tende a fé que resuscita os mortos e levantae-vos!» Mal estas palavras foram ditas, eis que um enfermo se levanta. Os applausos começam. Após o primeiro, levanta-se o segundo:

novos applausos. Após estes dois, o terceiro, depois o quarto, depois o quinto, depois o sexto: os applausos e as orações augmentam como uma tempestade.

Seis, disse eu, depois sete, depois oito, depois dez, depois doze, depois quinze no meio da repetição dos *Magnificat*, e de lagrimas que não se podem descrever. A multidão não se contém. As muletas são levantadas ao ar; os peregrinos agitam-se, correm, riem e choram ao mesmo tempo. Isto dura duas horas, das cinco ás sete, n'este triumpho do milagre que se multiplica como jorros de luz n'uma peça de fogo de artificio. A's sete horas mais de quarenta grabatos estavam abandonados.

Actos de fé sublimes! Se alguns paralyticos recahiram depois, não sei; mas o que sei, é que no escriptorio das verificaçãoes sete curas foram reconhecidas entre os primeiros que lá chegaram; o que sei, é que estas duas horas sem precedente, não esquecerão jámais, e que aquelles que lá estavam presenciaram a coisa mais maravilhosa do mundo, depois que Jesus Christo vivo em pessoa operou obras semelhantes em Jerusalem. O que sei, é que a palavra desaparece, mas que quarenta paralyticos, levantando-se na presença de 300 miraculados, constituem um espectáculo que jámais viram os olhos dos mortaes.

Fico por aqui, sem vos fallar da procissão e das illuminações da noite que reuniram mais de 40:000 fogos, fogos soltos, fogos electricos, e tambem o encanto dos encantos d'este mundo.

Sim, tal foi, escripto ao correr da penna, o Jubileu da Peregrinação nacional em Lourdes.

Se te atreves, ó incredulo, nega; e crê, se podes!

LUIZ COLLIN.

Pelo bem e só pelo bem

*A familia povoa uma casa
E de muitos se forma uma nação;
De tudo que é nobre e sagrado,
Eis, ali 'stá, um bem alto padrão.*

SIM, á familia, que é o modelo das nações e da qual se formam, de tudo quanto é humano e caduco, nada pôde comparar-se-lhe se, por ventura, é observante inabalavel dos seus deveres!

N'este caso, eis o modelo de tudo o que ha de mais nobre e sagrado! Pelo contrario, nada ha que seja tão abominavel, se ella não tiver em vista a recta observancia das leis, quer divinas quer humanas; porque, n'este caso, em seu seio só tem lugar a desordem. N'este

segundo caso, a familia é semelhante a um castello em ruinas, ao mais sumptuoso edificio d'out'ora e que agora está completamente esboroadado; lavra o seu mal estar no futuro e o de toda a sociedade!

Pode, por ventura, haver cousa mais horrenda do que a desordem na familia, fomentada principalmente por aquelles que entre si e para com os filhos assumiram pesados encargos na occasião em que se consorciaram e agora os não cumprem ou nunca os observaram? Haverá cousa mais desprezível do que o procedimento d'alguns paes abandonando e entregando os filhos á torpeza e abrindo-lhes o abysmo da desventura, e lançando-os pouco depois n'esse abysmo? Não ha nem pôde haver; e alguns paes acarretam sobre os filhos, com o seu mau exemplo, mil infelicidades; preparam-lhes um futuro desgraçado e medonho! E' por isso que os povos são e serão (talvez) sempre desgraçados; é por isso que os governos das nações caminham de mal para peor; pois, se não são os paes, são os que d'elles receberam muitas vezes uma pessima educação que dirigem a nau do Estado; e fomentando elles a desordem na familia, que Babylonia não levantarão na sociedade quando representantes do povo?

Fazei ou antes façamos o que Deus quer: sigamos o caminho do bem, do dever e da justiça e seremos felizes, pois não se é feliz senão pelo bem e só pelo bem.

PADRE ANTONIO VAZ DE PROENÇA NORTE.

SECÇÃO CRITICA

Lourdes em presença

NA GRUTA

2.^a Visita

GRUTA salutar, gruta d'amor, e gruta da paz, eu te saúdo! Foste devéras, és ainda, e serás bem sempre a santificada, e sempre o serás pela saudavel presença da Mãe do céu! quem dignamente ha-de, pois, engrandecer-te? Deus, meu Deus, e meu tudo, quem dignamente, oh! Deus meu, ha-de louvar te por beneficios tantos? E depois de Deus só a Mãe de meu Deus, e nosso Deus é tudo! Pois é toda sobre o coração de um Deus: nós somos nada. Oh nada, e ainda menos de nada pelo nosso peccado, tão nosso proprio, conhece o que tu és. Como a sincera humildade nos é franca, eminentemente razoavel!!

A humildade propriamente dita é a

realidade toda em nós. Tu, pois, a verdade toda, és a seriedade...

Compreende-se o valor de um sacrificio, e parece que tudo se volve ao seu eixo com uma perfeita modestia.

O' gruta de Bethlem, gruta do amor de um Deus, gruta de Camões, gruta d'amor da patria, espiritos protectores da minha pobre terra, vinde ajudar-me no amor do proximo, pelo amor de meu Deus, e no desprezo da maldade. Espiritos da minha freguezia, soccorrei-me! Terra da minha patria, inspira-me no amor do nosso Deus, que todo é amor da patria *não movido por algum premio vil*; que não ama Deus quem sua patria não ama. E quem não ama seu proximo, a semelhança e a imagem de um Deus, a qual vê, como hade amar o proprio Deus, que não vê? Pois em todos e cada um dos nossos proximos e semelhantes vemos com os proprios bons olhos da razão e da fé a Deus que nos creou e pôz no mundo. Um nosso proximo é um membro vivo de Christo, um quasi outro Jesus Christo, um outro eu, pelo menos. Todos somos filhos de um mesmo Deus e da Igreja na pessoa da Virgem, Mãe de nosso Deus e Mãe nossa... Santa Maria, Mãe de Deus, rogae por nós, peccadores, agora e na hora da nossa morte... Livrae-me das corrupções d'este seculo perverso nas más doutrinas, mas excellente nas suas indoles. Nunca este ou qualquer outro seculo foi melhor. Hoje, como nunca, uma sincera modestia é o que mais se respeita. Nunca foi assim. O espirito enganador continuamente do coração nos illude: pois o bom coração e o bom Deus é tudo.

A. S. F.

Macaquear

QM Portugal ha a mania de se imitar o estrangeiro.

Para que as manufacturas nacionaes tenham extracção é necessario dizer-se que é Francez, Inglez, etc.

E' da França que veem as modas para a Europa.

Rebaixando os homens de merito já nas artes, já na industria mais dignos de serem levantados, pelos merecidos elogios, são rebaixados pelos seus patricios; chicoria indigna de se dizer portuguez... Na verdade os verdadeiros portuguezes, escolhidos elles deviam, se possivel fosse, mandal-os para a Africa viver com os simios. Na verdade é por esta forma que nos teem posto em almoeda. Emfim a macaqueice campêa infrene!

Pela mesma forma vemos os classicos da lingua portugueza amacacados, coordenando os livros por onde se estuda a lingua materna, prohibirem as palavras viciosas e serem elles que em seus escriptos fazem uso d'ellas, como o gallicismo e outras. Quem não sabe que a lingua franceza é pobresinha, e que tanto ella é pobre quanto a lingua portugueza é rica?

Nós temos muitos synonimos para significar uma ideia, emquanto a lingua franceza tem uma palavra para significar a ideia de muitas pessoas ou cousas. Exemplos do que deixo dito ha-os ahí ás carradas.

A esta passo vemos ahí escripto ethers em livros que se dizem classicos. Não saberão os seus auctores que o singular dos nomes acabados em r ou z formam o plural accrescentando-lhes es... Portanto ether ethers, portuguez portuguezes.

Finalmente porque é que os classicos deturpam a sua lingua mãe? Porque tambem cegos pela macaqueice esquecem os preceitos de doutrina que mandam estudar para irem arrastados á corrente do modernismo amacacado.

Pelo que deixamos dito e mais diremos se vê que estamos na epocha da destruição.

Deus bem o disse: «E' necessario que haja escandalos, mas ai d'aquelle homem por quem o escandalo vem!»

O edificio social em Portugal está derrocado: principiou pela macaqueice, pela devassidão dos potentosos da nação. E são estes que nos teem posto e levado ao abysmo de completa ruina, que propalam aos quatro ventos que estamos na epocha da civilização e progresso.

Antes lhe devemos chamar retrocesso. Será o segundo exemplo barbarismo ou o que?!... que o diga o escriptor vernaculo da lingua portugueza. Seria massador enumerar aqui muitos mais exemplos da mesma ordem, infelizmente!

Que diria o Padre Antonio Vieira, se volvesse á vida em presença de tantos desvarios praticados pelos homens que se consideram illustrados?... teem os órgãos visuaes perfeitos e os olhos da intelligencia fechados. Na verdade a peor cegueira é a do entendimento!

Macaqueou se o estrangeiro para a lei de 2 de maio de 1878 e 11 de junho de 1880, mas não imitaram a remuneração do professor primario, deram lhe a fome e a miseria por apanagio. A base de tal reforma era falsa.

Ou porque algumas leis da reforma não foram estudadas ou porque de proposito foram ditadas, impediam os inspectores e sub-inspectores de proceder aos exames das creanças. Ainda

assim com sacrificio dos professores iam dando muitas creanças ao exame, e receando que o povo pelo tempo adiante se fosse emancipando do pezo que lhe atiram para cima do espinhaço, deitaram por terra a celebre e decantada reforma. E' porque os homens illustrados á moderna teem o pão e o queijo e a faca na mão e cortam por onde lhes convem. A instrucção primaria cahiu por terra!... ficou peor do que estava antes da referida reforma. Qualquer professora pode reger uma escola do sexo masculino. Ha tanto que dizer ácerca da instrucção mãe que é um mare magnum, .. que lastimal!

Não se imita a Allemanha no que tem de bom. Se alguma cousa ha de ruim e noivo Portugal logo macaqueia, porque é estrangeiro. Onde iriam buscar a lei do sello que tanto está devastando e atormentando o povo portuguez?

Ficaremos por aqui, porque a materia é vastissima.

JOSÉ MARIA GUERREIRO.

SECÇÃO HISTORICA

Frei Thomaz de Torquemada

A 16 de setembro de 1498 falleceu em Avila (Hispanha) Frei Thomaz de Torquemada, primeiro Inquisidor geral n'aquelle reino: são passados quatro seculos menos um anno depois da sua morte.

A memoria d'este homem tem sido altamente diffamada pelos hereges, philosophos incredulos e ainda por alguns catholicos incautos.

Vou fallar d'este insigne varão, digno de ser bem apreciado.

Importando me pouco o que dizem certos novelheiros e romancistas, com pretensão a historiadores, tomarei por norte a verdade que não é monopolio de sophistas, e que resalta das paginas da historia regida por uma logica severa.

Não ignoro que o nome de *Torque-mada* para certa gente é synonymo de barbaridade e ambição.

Não ha injuria, por mais enorme que seja, que se não irroge ao confessor de Isabel a Catholica.

Jesuita é que nunca lhe chamaram, visto que Torquemada morreu muito antes de existir a Companhia de Jesus.

Ainda assim, não seria de estranhar que lhe dessem a filiação jesuitica, porque não é raro chamar jesuitas a homens que nunca pertenceram á Ordem de Santo Ignacio, e hoje é jesuita todo o verdadeiro catholico.

Feito este preambulo, vejamos quem foi Frei Thomaz de Torquemada, o grande *Papão* do Santo Officio para os que obedecem ás leis dos novelleiros.

Temos, pois, deante de nós um heroe legendario; e, com effeito, o nosso Torquemada foi um heroe na suprema magistratura que exerceu por espaço de quinze annos.

N'este varão admiramos o valoroso animo d'um defensor da fé catholica, junto com uma profunda humildade e desprezo de todas as coisas da terra; pois não aspirava a outro fim mais que a gloria de Deus e a exaltação da sua Igreja.

Thomaz nasceu de progenitores nobilissimos na villa de Torquemada (de onde depois tomou o nome), na diocese de Valencia (Hespanha), distinguindo-se logo na sua juventude pela gravidade de costumes e pela sua accurada intelligencia.

D. Garcia Rodrigo, na sua *Historia verdadeira da Inquisição*, diz o seguinte:

«O conceito publico principiou a distinguil-o desde os primeiros annos, vendo no termo da sua carreira litteraria uma serie de honras e grandezas que lhe grangearam o respeito e as antecipadas considerações de que gosou.»

Apenas cito estas palavras do illustrado historiador hespanhol; porquanto, para biographar Frei Thomaz de Torquemada, não carecemos de recorrer á sua obra: todos os escriptores sensatos e verdadeiramente orthodoxos affirmam que o nosso Torquemada deu sempre mostras evidentes de grande virtude e talento.

Abandonando todas as grandezas que o mundo lhe podia offerer, tomou o habito dominicano no convento de S. Paulo, em Valladolid, onde tambem havia professado o Cardeal Torquemada, seu tio.

Porque Thomaz era sobrinho de Frei João de Torquemada, Cardeal e Bispo de Sabina, grande theologo do seculo XV.

Alli, n'aquelle exemplarissimo mosteiro, leu Frei Thomaz theologia por muitos annos, e lhe foi dado o grau de Presentado.

Por humildade não quiz acceitar o grau de Mestre; mas obrigado com preceito pelo Geral da Ordem dos Prégadores, sujeitou-se humildemente, sendo sempre observantissimo da sua regra.

E tão observante era, que nunca quiz admittir dispensas no minimo ponto, servindo de modelo a todos os religiosos da casa.

Contra a sua vontade foi eleito Prior de Santa Cruz, em Segovia, cuja prelatura teve por alguns annos, e d'aqui o tomou por seu confessor a rainha Dona Isabel a Catholica, e a mesma eleição fez seu marido D. Fernando.

Não se diga, porém, com certos novelleiros, que Torquemada artificiosamente se metteu a confessor dos reis catholicos; porque a verdade é que a noticia das virtudes do Prior de Segovia chegou ao palacio real, e os monarchas o escolheram de motu proprio, depois de devidamente informados pelo grande Cardeal de Hespanha, D. Pedro Gonzales de Mendoza.

Sendo tão estimado pelas pessoas reaes, sempre conservou Frei Thomaz a sua rara humildade, recusando todas as dignidades que lhe offerecia o rei, como foram as mitras de Sevilha e de Toledo, as principaes de Hespanha, e outras honras que lhe fazia o Papa.

Eis aqui como obrava um homem que se tem apodado de ambicioso; mas era completamente o contrario, como testificam os escriptores da sua epocha e todos os que se inspiram no verdadeiro espirito catholico.

O grande e eloquente Bispo de Nimes, Flechier, diz que Frei Thomaz de Torquemada foi um religioso inteiramente despido de ambição, e que era de costumes austeros, bom servo de Deus.

Apesar da sua reconhecida humildade e abnegação, não pôde recusar o difficil cargo de Inquisidor geral de Hespanha, em que foi investido por bulla do Papa Sixto IV, e por nomeação real.

Com os donativos que obteve da magnificencia do rei, e com os soldos de Inquisidor, fundou um convento dominicano em Avila, levantou a igreja de Torquemada, fez grande parte da ponte sobre o rio Pisuerga, edificou o convento de Segovia, e soccorreu muitos conventos, para os quaes impetrou varios privilegios.

Com todas as grandes rendas que possuia, nunca diminuiu um ponto na pobreza religiosa. Tudo gastava em esmolas e obras pias, não dando a parentes coisa alguma.

A primeira coisa que fez Torquemada, depois de ser eleito Inquisidor geral, foi publicar um perdão geral para todos os que tivessem delinquido, e que deveriam ser julgados no Santo Officio; e d'este modo teve a felicidade de congraçar com a Igreja *dezesete mil* pessoas.

Ora veja-se que tal era a barbaridade de Torquemada!

Nos ultimos annos da sua vida, carregado de molestias, renunciou os cargos de confessor da familia real e de Inquisidor, sendo designado para este ultimo cargo Frei Diogo Deza, gosando sempre Torquemada das honras, segundo a vontade do Summo Pontifice.

Em seguida, retirou-se ao convento de Avila, a preparar-se para a ultima viagem. Alli era visitado dos reis ca-

tholicos que sempre o estimaram, e consultavam com elle os negocios mais importantes da monarchia, e obravam segundo o seu conselho.

Neguem estes factos os que pintam Torquemada como um monstro; mas neguem-n'os com provas, com testemunhos historicos, e não com phantasias.

Frei Thomaz de Torquemada falleceu, como eu já disse, a 16 de setembro de 1498. Foi sepultado no cemiterio commum, do qual se trasladou para uma capella particular, no anno de 1579.

Era tanta a fama da sua virtude, que no conclave que se celebrou por morte de Innocencio VIII, muitos Cardeaes o quizeram eleger Pontifice.

Eis aqui, em breves traços, delinea-do o quadro da vida do primeiro Inquisidor geral de Hespanha, Frei Thomaz de Torquemada, que tão calumniado tem sido pelos impios e libertinos do nosso tempo.

Não entro no exame dos factos que praticou na suprema magistratura do Santo Officio, porque n'esse caso deveria tratar expressamente da Inquisição; mas não é este o meu proposito, e, além d'isso, este assumpto demandaria grande espaço, o que não permite um breve artigo biographico.

Em conclusão direi que Frei Thomaz de Torquemada teve sempre em toda a Hespanha grande opinião de santidade.

Em um martyrologio antigo que se conserva (ou conservava) no convento de Santo Ildefonso de Toledo, se faz larga menção das virtudes d'este grande homem.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Bemfeita

Descripção estatística

(Continuado de pag. 207)

Antonio Simões Dias. — Capitão do exercito e irmão do antecedente e do auctor d'estas linhas.

Produções. — Produz milho, mattas, pinhaes e outros. (Ainda a respeito do Dr. José Simões Dias temos a acrescentar que o jornal *O Tempo* de 1892, n.º 984 disse: «O nome de Simões Dias é tão vantajosamente conhecido na politica e nas letras do nosso paiz, o seu talento tem-se affirmado na tribuna, no magisterio, no jornal e no livro por fórma tão distincta e primorosa, que inutil seria fazer aos nossos leitores a apresentação do novo director da nossa folha»).

Pastoraes, Provisões, etc., dos ex.^{mos} e rev.^{mos} snrs. Bispos de Coimbra. —

Assim como em tempo, parochiando a freguezia da Madeira (então Patriarchado) me dediquei ao trabalho de colligir e ler todas as pastoraes e provisões, que então encontrei, assim tambem, sendo nomeado Parocho interino d'esta freguezia, colligi e li as que pude encontrar na freguezia da Cerdeira, onde era Parocho Encomendado, as quaes por ordem chronologica são:

D. Antonio de Vasconcellos e Souza.

1715 Abril 25. Sobre o habito ecclesiastico.

Idem Julho 10. Esmola dos officios. Dr. José Freire de Faria.

1726 Janeiro 4. Prohibição de feiras aos domingos, antes da missa e prohibição de armas nos clérigos.

1728 Abril 5. Ordenando que se passem certidões de desobrigas dos ultimos tres annos aos que pretenderem casar.

1729 Julho 22. Prohibindo as mulheres com offertas nos actos publicos religiosos. Luiz Simões Brandão.

1730 Janeiro 11. Prohibindo a conversa nos templos. Dr. Manuel Nogueira.

1733 Junho 21. Prohibindo a celebração dos casamentos sem novas proclamações depois de dois mezes. Dr. Manuel Moreira Rebello.

1736 Abril 17. Ordenando a oração mental nos dias sanctificados.

1739 Maio 31. Prohibindo as representações theatraes nos templos. D. Miguel d'Annuniação.

1741 Maio 30. Difficuldade em dispensar os fieis do jejum.

1741 Junho 30. Prohibindo ajustes de missas.

1741 Outubro 14. Predica, sacramentos, livros.

1741 Outubro 20. Mandando copiar as pastoraes.

1742 Janeiro 11. Preceitos sobre o jejum.

1742 Maio 24. Renuncia de beneficios ecclesiasticos.

1743 Maio 19. Sobre as horas do culto em quinta-feira santa.

1743 Setembro 1. Ordenando que os Parochos expliquem aos fieis os sacramentos e as cousas *necessitati medii* e *necessitati precepti* para a salvação.

1746 Abril 7. Recommendando a Oração mental.

1746 Julho 20. Preceitos sobre a confissão.

1747 Maio 6. Prohibindo os ciganos nas freguezias.

1748 Fevereiro 10. Sobre a indulgencia plenaria á hora da morte.

1748 Outubro 1. Faculdade aos sacerdotes para celebrarem 3 missas em dia de finados.

1749 Maio 31. Ordenando, penas contra os solicitadores na confissão.

1749 Dezembro 30. Jubileu de Bento 14.º

1750. Março 22. Suspensão de indulgencias no jubileu de Bento 14.º

1752 Agosto 13. Condições e graças do jubileu de Bento 14.º

1752 Dezembro 30. Recommendando a attenção e devoção nos officios divinos.

1753 Novembro 6. Reducção de (?)

1756 Fevereiro 20. Sobre os dias sanctos.

1756 Setembro 17. Sobre a administração do Sacramento do Baptismo.

1759 Outubro 21. A'cerca da expulsão dos frades.

1762 Janeiro 23. Sobre os officios dos defunctos e Sacramento do Matrimónio.

1763 Janeiro 3. Sobre os casos reservados.

1763 Março 3. Recommendações aos testamentarios.

1768 Setembro 8. A'cerca das certidões dos contrahentes de freguezia estranha.

1769 Dezembro 12. Jubileu de Clemente 14.º

D. FRANCISCO DE LEMOS DE FARIA FERREIRA COUTINHO

1770 Fevereiro 4. Carta Regia sobre o Jubileu Universal de Clemente 14.

1770 Abril 1. Jubileu Universal de Clemente 14.º

1777 Fevereiro 8. Instrucção sobre as indulgencias.

1777 Agosto. Instrucções sobre o jubileu do anno santo.

1780 Abril 28. Sobre a festividade do Sagrado Coração de Jesus.

1780 Outubro 25. Sobre o Sacramento da Confirmação.

1780 Dezembro 26. Sobre a festividade de S. Servulo.

1781 Março 10. Pedindo esmolas para os logares santos.

1882 Janeiro 26. Sobre exercicios espirituaes.

1882 Abril 26. Sobre o ensino da Doutrina Christã.

1882 Sobre o culto do Sanctissimo Sacramento.

1783 Agosto 31. Ordenando conferencias.

1783 Outubro 26. Prohibindo capellães estranhos sem licença.

1784 Março 1. Breve de indulgencia vindo de Roma.

1792 Agosto 9. Recommendando aos Parochos o Cathecismo do Concilio de Trento.

1814 Fevereiro 23. Nomeando Arcebispo para Arganil.

1817 Março 27. Soldados que que-rem contrahir o matrimonio.

(Continúa).

ALBINO S. D. C.

SECÇÃO LITTERARIA

Milicia Christã

2.ª PARTE

Introdução

Sempre em campanha na christã milicia
Alegre militando,
Estrela mais fulgente e mais propicia
Aqui e além buscando,
No palacio das musas me apresento
Armas a procurar n'este momento.

Se alguém não cré no christianismo d'ellas,
De Milton, do Petrarcha,
De Danto, de Camões as phrases bellas
E a pura fé, não parca,
E a Lope, Calderão, Ojoda, Herçilla
Que leia com os versos de Zorrilla.

Se lá dos falsos deuses no fadario
As vistas sonhadoras,
Hoje moram do lado do sacrario
Nas silenciosas horas
Da piedosa oração do povo crente,
E o poeta christão cantar as sente.

Ouve cantar o mais mellifluo canto
D'eteroas alegrias
Ao Deus trino e um, tres vezes santo,
Em ondas d'harmonias,
Que vão perder-se na região da calma,
Onde descobre seu porvir esta alma.

Ouve em accorde gratidão profunda
E devoção fervente
Na celeste Sião sempre jocunda
Que entra feliz a enchente
De suspiros amantes, cadenciosos;
Que de peitos surgiram generosos.

Ouve se escuta á porta do sacrario
Os mais sublimes trinos,
Que d'encantos celestes são summario:
Os mysteriosos hymnos,
Que em roda de Jesus sacramentado
O seraphim lhe canta namorado.

Ouve dentro maviosas harmonias,
Que a Virgem mãe lhe canta,
E os olhos das eternas sympathias
Da grande turva santa,
Que com respeito e amor profundo
Adora ali o salvador do mundo.

E os santos adoram lo nos altares,
Eu sinto da poesia
Os mais cadentes, mysticos cantares
Da celtica harmonia,
Que me impressiona em forma tal e tanto,
Que triste fico, se depois não canto.

Isto, que sinto, todo o crente sente,
Se mystico medita,
O philosopho pensa seriamente,
O rustico acredita,
A donzellinha busca all virtudes
E afinam os poetas os laudes.

N'este parnaço d'inspiração tão bella
Ao céo favor demando,
Constantemente a suspirar por ella;
Porque com echo brando
Saber cantar queria mil cantares,
Que houassem nossa fé; e os nossos lares,



S. THOMAZ DE VILLANOVA, ARCEBISPO DE VALENCIA

Se não os canto, como os cantar queria,
Por falta de talento,
Ninguém ainda do poeta ria
Que busca o valimento
De Deus, da Virgem pia, d'anjos, santos;
Para ir no mundo dedicar-lhe cantos.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

Um cura da aldeia

(CONTO)

I

CORRIA o inverno de 1828.

Em uma pequena povoação da diocese de Lyon (França), vivia um joven, sacerdote recém-ordenado, encarregado da cura d'almas. Era affavel e bom para todos, e os seus conselhos e a sua humilde fortuna estavam sempre á disposição dos desgraçados.

Amava a Deus e aos homens. Em muitas circumstancias havia demonstrado que a amenidade no trato nem

sempre é indicio de fraqueza de caracter. Não poucas vezes se via obrigado a defender os direitos da parochia contra as usurpações revolucionarias do conselho municipal, e como se tratava de suas ovelhas, o bom pastor ganhou geral sympathia.

Nunca os habitantes d'aquelle obscuro canto de França apprehendiam coisa alguma sem que fossem consultar o seu par. lho. Podia assegurar-se que elle era na aldeia o advogado, o tabelião, o architecto, o medico, e até o escrevente. Era elle quem se encarregava da correspondencia do seu diminuto reino, logo que apparecesse quem o substituísse na leitura dos Evangelhos escriptos em grossos caracteres nos antigos livros do Abbade.

—O snr. Abbade, dizia-se a duas leguas de distancia, é o primeiro pae dos pobres e o segundo filho de Deus!

II

Estava a terminar o mez de feve-

reiro. O inverno tinha sido terrivel: as montanhas estavam cobertas de neve e o valle parecia um immenso veu branco, sobre cujos fios estavam sepultadas as esperanças de um anno.

Os pobres, que todos os dias viam em suas casas o Abbade, diziam lhe continuamente:

—Pedí a Deus, snr. Abbade, pelos nossos campos. Se o gelo não desapparece, perdem-se as sementeiras.

Ao que o Abbade respondia:

—Tende confiança, (meus amigos; tudo o que Deus faz é bom.

«Tudo o que Deus faz é bom.» Eis n'estas palavras toda a logica do seu coração, toda a eloquencia do seu talento.

E repetia constantemente este proverbio que, ainda que escripto por um auctor profano, não deixa de ser uma boa e santa palavra.

Uma manhã, ao despontar a aurora, o velho e unico sino que havia na torre da aldeia começou a tocar a rebate.

Ao ouvirem o signal de alarme, todos sobresaltados sahiam de suas casas, perguntando uns aos outros onde era o incendio; porém o sino não tocava a fogo: os soccorros eram para um mal muito mais terrivel e devastador.

O fogo pôde combater-se; porém não era o fogo o motivo do alarme, mas a agua que sobe, que burbulha, que se espalha pelo chão e rompe os diques e as barreiras. A inundação que se precipita desenfreada atravez dos montes e valles, nivelando as collinas, minando os fortes muros e arrastando as arvores e as casas com o impulso irresistivel de suas ondas desencadeadas.

Grande parte da povoação achava-se já rodeada por agua lamacenta.

Cavallos, vaccas e carneiros sobrenadavam relinchando, mugindo e balando, arrastados das cavallariças e mangedouras pela torrente das aguas.

O bom Abbade, que havia passado a noite á cabeceira de um enfermo, foi o primeiro a acudir ao perigo.

Graças á sua firmeza d'animo e sangue frio pôde acalmar-se o panico e organisaram-se os soccorros.

Em poucos momentos uma porção de homens manobravam maravilhosamente sob as ordens e direcção do Parocho.

III

De repente um grito horrivel se solta ao mesmo tempo de todas as bocas.

A torrente furiosa acabava de precipitar-se sobre uma casa que se achava n'um sitio isolado.

Em um momento a casa estava inundada d'agua até ao tecto, e sobre o telhado apparece uma mulher, semi-nua, arrastando dois meninos, um dos quaes era ainda de peito.

E a agua continuava a subir, a subir com a maior rapidez.

A torrente, como que irritada pela resistencia, lançou por terra as fracas paredes da casa.

Já esta havia desaparecido e os barrotes e a argamassa sobrenadavam no meio das multiples e encontradas correntes d'aquelle borrascoso oceano.

Ninguem se atrevia a aventurar-se n'aquelle golfo, em que cada redomoinho aguardava um ser que devorar. Sem embargo, Jacome, o ferreiro, conhecido pela sua força e valor, tentou por tres vezes lançar-se a nado em soccorro d'aquelle pobre familia...; porém outras tantas vezes teve que desembaraçar-te da corda que, á cautella, havia atado á cinta.

E a agua ia subindo, subindo .. um minuto mais e a mãe e os filhos seriam tragados pelo redomoinho.

IV

N'isto ouve-se o tropel d'um caval-

lo; todos veem apparecer o Abbade montado n'uma egua que lhe emprestavam aos domingos para ir celebrar a segunda missa a uma freguezia anexa á parochia. Rapido como o pensamento lança o animal ás ondas, que immediatament o rodeiam por todos os lados. Lucta o bom Parocho para obrigar a egua a avançar; as espumosas vagas cöbrem n'os: não poucas vezes desaparece debaixo das impetuosas correntes.

Por fim, chega ás ruinas da casa: porém quatro pessoas é demasiado peso para um animal que tem de luctar no meio das aguas, que estavam prestes a arrastal-o para o fundo. Fará duas viagens. Toma em seus braços as creanças, que com abnegação maternal lh'as entregava a pobre mulher, e volta para a margem.

O perigo augmenta porém, porque as aguas vão crescendo.

Por ultimo, depois de alguns momentos de terrivel angustia, deposita-as em terra.

Todos os espectadores o querem deter, ao ver quasi certa a morte que o aguarda, pois a torrente bramia já de uma maneira espantosa. Mas tudo isto foi em vão: d'um salto faz voltar o animal e diz á multidão: «Rogae a Deus por mim! Tudo o que Deus faz é bom!»

Homens e mulheres, creanças e velhos, lançam-se de joelhos, rogando ao ceu pelo Pastor que, abrazado de caridade, arrisca a sua vida para salvar a da sua ovelha. Porém os seus olhos não se elevam ao ceu; mas seguem com dolorosa angustia o bom sacerdote, que com heroica intrepidez lucta com as ondas.

Um forte ruido se ouve no meio d'aquelle turbulento mar. O telhado onde se achava a pobre mulher é arrastado pelo redomoinho e a infeliz mãe é submergida. Um grito dilacerante é soltado por aquella multidão... Porém as mãos do Abbade agarram-se aos cabellos da desgraçada: tral-a para a margem onde só a larga e elle cae no solo fatigado e emmovido, repetindo muito baixo: «Tudô o que Deus faz é bom»

A admiração, a gratidão e o enthusiasmo de todos chegaram ao delirio.

Desde aquelle dia o Abbade era um heroe, mas contudo todos o admiravam como santo. Realmente não se enganavam.

Não sabendo como dar-lhe uma prova do seu agradecimento e do muito que o amavam, idearam um meio tão eztraordinario como novo.

Poucos dias depois reunia-se o povo para eleger os officiaes da nova companhia de sapadores-bombeiros, e o nome d'aquelle ser tão querido sahiu

da urna. O Abbade acabava de ser nomeado, por unanimidade, capitão dos bombeiros.

V

Admirado o sacerdote de tal eleição e manifestando que não podia usar a sotaina com o capacete, o sabre e o machado, todos os eleitores lhe responderam que o seu prefeito o havia de desembaraçar d'esta difficuldade, porque elles de maneira nenhuma acceitavam a renuncia. Dado o expediente e remettido á administração central, chegou, como era d'uso, ao ministerio do reino.

Grande foi a admiração que produziu em todas as repartições a noticia de tão original successo, e o chefe não pôde deixar de referir tão extranho caso ao ministro. Este tambem ficou admirado, e querendo fazer com que o rei passasse uns momentos alegres, apresentou-se na camara real a comunicar-lhe o resultado d'aquelle eleição.

Em dois ou tres dias não se fallou no palacio senão da nomeação do capitão de bombeiros.

VI

Decorrido um mez, e feitas as competentes averiguações, o rei nomeava o Abbade successor do Bispo de Nancy. N'este novo cargo elle foi vivo exemplo de todas as virtudes.

Alguns annos depois, o pobre Abbade da aldeia inundada e capitão dos sapadores bombeiros era um dos homens mais influentes da Egreja de França por sua vastissima sciencia e reconhecida virtude... Se quereis saber quem era, perguntae em Bordens pelo seu Arcebispo o Cardeal Bonnet.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

○ Nosso amigo, snr. Antonio Dourado, benemerito editor catholico do Porto, participa-nos que nos primeiros dias do mez d'outubro proximo começará a distribuição, a fasciculos, do *Catecismo de Perseverança*, de J. Gaume.

E' um importante serviço que o snr. Dourado faz á causa religiosa reeditando aquelle *Catecismo*. Exgotada ha muito a edição, comprava-se qualquer exemplar por um preço excessivamente caro. Agora o snr. Antonio Dourado fornece o *Catecismo* a cadernetas de 100 réis.

Informa-nos o mesmo benemerito editor que a distribuição das cadernetas será feita regularmente, porque já tem impresso parte do primeiro volume.

As pessoas que queiram assignar esta

obra, podem dirigir-se ao snr. Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade, Porto, que lhes remetterá as cadernetas, que serão pagas de 5 em 5 pelo correio.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Barrabás no carcere

(Vid. pag. 211)

REPRESENTA esta gravura Barrabás no carcere, quando, depois de Pilatos ter perguntado de novo ao povo: «Qual dos dois quereis vós que eu solte?», o povo tornou a gritar: «Faze morrer este e solta-nos Barrabás.» Barrabás foi solto e Pilatos mandou açoitar a Jesus.

S. Thomaz de Villanova, Arcebispo de Valencia

(Vid. pag. 217)

S. Thomaz de Villanova, ornamento da Egreja de Hespanha, nasceu em Fuen-Liana, pequena aldeia da Mancha no anno de 1488; mas foi creado em Villanova dos Infantes a tres legoas do dito lugar por ser a terra de seu pae, e d'aqui tomou o appellido de Villanova. Não era illustre sua familia; mas era mui limpa e honrada, com bastantes bens de fortuna para viverem honradamente consoante sua condição.

Contava Thomaz só sete annos, quando deu grandes mostras do seu compassivo amor pelos pobres com mil industrias que só poderiam ser suggeridas pelo espirito de Deus.

Cada dia sahia com uma nova invenção em favor dos necessitados. Umaz deixava de comer para lhes dar esmola, outras tirava seus vestidos para cobrir com elles alguma creança nua.

Encantava a quantos o tratavam a doçura e tranquillidade de sua alma. Thomaz desconhecia até aquellas mentirinhas, que são tão frequentes nas creanças. Sua simplicidade era indicio da candura e da pureza de sua alma, delicada virtude que nunca se achou n'elle embaciada nem ainda com o mais leve vapor, tanto que até sua conversa e seus modos a inspiravam aos jovens os mais libertinos; sua devoção pegava-se a todos os que observavam o respeito e a compostura com que gastava horas inteiras nas egrejas.

Tendo estudado em sua patria as primeiras letras, nas quaes por seu ingenho e applicação adéantou muito em pouco tempo, enviaram-n'o seus paes, sendo de quinze annos de idade, á universidade de Alcalá, que acabava

de fundar o cardeal Ximenes. Logo se assignalou muito n'ella por seu ingenho, e muito mais por sua virtude, e o que costuma ser escolho, onde naufraga a virtude dos jovens, só serviu para acrescentar novos quilates á do nosso santo.

Havia muito tempo que Thomaz suspirava pela solidão: os mesmos applausos do mundo avivavam mais e mais em seu espirito estes desejos. Ainda que sua vida era recolhida, austera e retirada, sendo seu principal estudo o da salvação, volvia-se-lhe intoleravel o commercio com a gente que não podia escusar.

Tendo chegado a sua noticia que tanto em Alcalá, como em Salamanca se pensava sériamente em o fixar na universidade para o elevar ás primeiras dignidades ecclesiasticas, resolveu tractar efficazmente lo seu retiro. Durou pouco a deliberação. Depois de examinado o espirito e os estatutos de muitas religiões, pareceu-lhe que o chamava Deus aos eremitas de Santo Agostinho. Apenas descobriu seu animo, logo foi recebido com extraordinario gozo por toda a ordem. Entrou n'ella no anno de 1518 no mesmo dia, em que o desgraçado Luthero o havia abandonado, como se notou ao depois; como que a divina Providencia tinha querido consolar a religião pela justa dôr que lhe causava a deserção de um apostata, recompensando-a d'esta perda com a aquisição de um grande santo.

Não tardaram em reconhecer que em lugar de um noviço tinham recebido um mestre da vida espiritual. Para elle eram allivios os mais penosos exercicios da religião, recreio as mais rigidas austeridades. Acostumado desde os dez annos aos jejuns e ás mais dolorosas mortificações do corpo e á perfeita abnegação da propria vontade, todos os rigores da religião se lhe representavam lenitivos e temperamentos. Por isso, muito embora sua mortificação passasse a excessiva, costumava dizer que desde que entrara na vida religiosa, já não sabia fazer penitencia. Não houve noviço mais exacto no cumprimento das obrigações, nem religioso mais obsequente nem mais humilde. Ao ver a santa simplicidade, com que se portava em tudo, podia-se julgar que estava de todo esquecido de que fôra cathedratico nas universidades mais celebres de Hespanha. Pela constante conformidade de sua conducta chegou-se a crêr, ou que havia nascido sem paixões, ou que por um privilegio particual lh'as extinguiu Deus em sua alma innocente. A seu fervor e innocencia correspondia sua terna devoção. Por isso logo que acabou o anno de noviciado, ordenaram-o de sacerdote; e acrescentando o sacerdocio novo lustre a sua

virtude, no mesmo anno lhe ordenaram os superiores que repartisse ao povo o pão da palavra de Deus: o que fez com tanta dignidade e fructo, que d'ali em diante só era conhecido pelo renome de apostolo da Hespanha.

N'este encargo voltou a acentuar sua caridade com os pobres, que tinha estado como suspensa durante o noviciado, de sorte que ao mesmo tempo que era prégador da palavra de Deus, enfermeiro, mordomo dos pobres, era tambem o recurso universal de todos os necessitados.

Escrupulisaram os superiores em que esta grande tocha estivesse mettida debaixo do alqueire; mandaram-lhe pois ensinar theologia no collegio de Salamanca. Desempenhou o novo cargo com universal applauso, sem afrouxar por isso nem em seu fervor, nem em seu zelo.

Como os religiosos da sua ordem o tratavam mais de perto que os seculares, reconheciam tambem melhor seus extraordinarios talentos e raro merito, por cuja attenção julgavam dever dispensar com elle uma regra da ordem que prohibe que sejam superiores os que não tenham ainda sete annos de professos. Só tinha dois quando o fizeram prior do convento de Salamanca, depois do de Burgos, em terceiro logar do de Valladolid, duas vezes provincial da Andaluzia e uma de Castella.

Desempenhou estes cargos com tanta dignidade e satisfação de todos os seus subditos, que n'elle se verificou o que escreve S. Paulo a Timotheo: A virtude serve para tudo, e os sanctos sobresaem em tudo o que lhes é encarregado por obediencia.

Andava o nosso santo em visita aos conventos de sua provincia, quando recebeu a noticia de que o imperador o tinha nomeado para o arcebispado de Granada, e que já lhe havia mandado expedir o decreto. Sobresaltou-se de um modo estranho sua profunda humildade, suggerindo-lhe tantas razões para recusar aquella dignidade, e representou-as ao imperador com tanta eloquencia, que se viu obrigado a mudar e a admittir-lhe a renuncia.

Mas vagando ao depois o arcebispado de Valença por motivo de transferencia de D. Jorge de Austria, para o de Liège; achando-se então em Flandres o imperador já muito arrependido de ter sido muito condescendente com a humildade de Fr. Thomaz, nomeou-o para aquelle arcebispado. Recebeu o santo o decreto sem muito se assustar, parecendo-lhe que a segunda recusa seria tão efficaz como a primeira; mas enganou-se. Conspiraram contra sua resolução um e outro poder, o temporal e o espiritual, mandando-lhe seus superiores sob pena de excommunhão

que se rendesse á vontade de Deus tão manifesta. Não teve outro remedio se não obedecer. Sagrou-o em Valladolid o arcebispo de Toledo no anno de 1544, e logo partiu para sua igreja sem outra comitiva e familia, que um religioso que era seu companheiro e dois creados do convento d'onde vinha. Fez a viagem a pé com o habito já velho e um guarda-chuva que havia servido vinte e seis annos e lhe serviu ainda por muito tempo. Teve o pensamento de ir vêr sua mãe, que cedeu sua casa para um hospital, se consagrara ao serviço dos pobres, e que lhe havia escripto que passasse por Villanova para lhe dar esta consolação antes de morrer. Ao principio pareceu-lhe cousa mui justa, mas consultando com Deus, conheceu que a carne e o sangue tinham muita parte n'esta condescendencia e assim por virtude se privou d'esta consolação.

Fez entrada publica em sua igreja no dia primeiro do anno 1545; vendo os conegos sua pobreza, o presentearam com quatro mil ducados. Aceitou-os o santo com o maior reconhecimento; mas em sua presença, os mandou logo d'ali para o hospital para alli vio dos pobres, dizendo que não sendo incompativel a pobreza com o episcopado, estava resolvido a viver na conformidade do modo porque tinha sempre vivido. De facto, seu vestuario era o de um pobre e perfeito religioso e sua mesa tal qual era no convento, sendo seu dictame que o Bispo só se havia de distinguir pela virtude e boas obras, e não pela preciosidade dos moveis, nem pela magnificencia e sumptuosidade das equipagens.

Considerou sempre suas rendas como patrimonio dos pobres, e que elle tinha só a incumbencia de as distribuir; e assim os mesmos pobres chamavam sua casa ao palacio episcopal. Raro era o dia em que deixava de dar esmola a mais de quatrocentos, não contando as secretas que eram distribuidas a muitas familias envergonhadas.

Convocou o Papa Paulo III um concilio ecumenico para Trento; vendo-se impossibilitado o santo prelado de concorrer pela debilidade de sua saude, consumida no rigor das penitencias e de grandes trabalhos, nomeou em seu lugar o Bispo de Huesca. Quasi todos os prelados de Hespanha que concorreram ao concilio passaram por Valencia para tomarem parecer com o nosso santo, venerado como oraculo da Igreja; e assegura-se que achando-se no mar estes Bispos em perigo de naufragio, imploraram a intercessão de S. Thomaz que lhes appareceu vestido de pontifical, tranquillizou-os e logo socego a tormenta. Assim o affirmaram em Trento os mesmos prelados.

No entanto o alto conceito que formava o santo arcebispo das obrigações do bom pastor, e o baixissimo que de si formava por sua profunda humildade, traziam-no em continuo sobresalto, temendo a terrivel conta que tinha de dar.

Este temor angustiava-o dia e noite, obrigando-o a insistir muitas vezes em que lhe fosse admittida a renuncia do bispado; e como não quizessem dar-lhe ouvidos em Hespanha, recorreu a Roma. Mas vendo cerradas todas as portas, voltou-se para o Senhor, pedindo-lhe com muitas lagrimas que livrasse sua Igreja de tão indigno prelado. Ouviu-o Deus, e o tirou logo d'este mundo, não para livrar sua Igreja de um prelado indigno, mas para lhe dar um poderoso protector no céo, e para premiar com a gloria eterna sua eminente virtude.

Achando se em oração no dia da Purificação da Santissima Virgem no anno de 1555, e crescendo em seu coração a ancia de gozar do seu Deus, ouviu uma voz que lhe disse clara e distintamente: «Thomaz, não te afflijas; tem paciencia por um pouco: no dia da Natividade de minha Mãe receberás o premio de teus trabalhos.» Desde aquelle momento viveu o santo arcebispo em uma especie de contemplação, sendo sua vida um continuado exercicio de penitencia, de oração e obras de caridade.

Emfim no dia 29 d'agosto sentiu-se acommettido de esquinencia acompanhada de violenta febre. Conheceram todos que vinha perto sua ultima hora pela extraordinaria alegria que mostrou. Quiz receber a tempo os santos sacramentos. Tres dias antes de sua morte, desejando que o acompanhasse até á sepultura a caridade para com os pobres, que, para assim dizer, tinha nascido com elle, mandou trazer para alli cincô mil ducados, os unicos que havia, e deu ordem para que os distribuíssem pelos pobres de todas as parochias da cidade sem que para si reservasse nem um só maravedi. No dia anterior ao de sua morte, dizendo-se-lhe que depois de haverem soccorrido largamente os pobres da cidade, tinham sobrado mil e duzentos escudos, exclamou: «Por Deus vos peço que n'esta mesma noite e antes que amanheça o dia de amanhã, repartais todo esse dinheiro pelos pobres; este é o maior serviço que me podeis fazer.» A' meia noite foi preciso obedecer-lhe; no dia seguinte dando-lhe conta de que se fizera, como tinha recommendado: «Graças vos dou, Senhor, exclamou, pela mercê que me fazeis de morrer pobre. Encarregas-me da administração de vossos bens, e já os hei repartido consoante a vossa divina vontade.» Entrou um instante depois o thezoureiro da

igreja, e disse-lhe que lhe vinha trazer um pouco de dinheiro: «Pois ide promptamente, respondeu o santo, e distribui-o pelos pobres, levando já todos os moveis do meu quarto ao reitor do collegio que fundei.» Lembrando-se depois que a pobre cama, onde dormia, era sua, teve algum escrupulo, e vendo no seu quarto o alcaide do carcere eclesiastico, disse-lhe: «Amigo, dou-te esta cama, em que estou: só te peço por amor de Jesus Christo que m'a deixes de emprestimo até que expire.» Desfaziam-se em lagrimas todos os circumstantes; o santo mandou que lhe administrassem a extrema-unção.

Depois quiz que lhe dissessem missa no quarto; ao acabar o santo sacrificio, pronunciando os dulcissimos nomes de Jesus e de Maria, rendeu docemente a alma em mãos de seu Salvador a 8 de setembro do anno 1555, aos sessenta e sete annos de idade e aos onze de pontificado. Os funeraes foram magnificos; mas nenhuma cousa os honrou mais que as lagrimas e clamores de mais de oito mil e quinhentos pobres, que choravam a perda de tão bom pae, e que não podiam consolar-se d'ella.

No mesmo dia de sua morte mostrou Deus sua santidade por um grande numero de milagres. Trinta e seis annos depois encontraram inteiro o santo corpo; no anno de 1618 foi solemnemente beatificado pelo Papa Paulo V, que mandou que em todos os seus retratos o pintassem com uma bolsa na mão e rodeado de pobres. Emfim no primeiro de novembro de 1658 foi solemnemente canonisado pelo Papa Alexandre VII, que mandou rezasse d'elle toda a Igreja.

RETROSPECTO

O auctor da «Imitação de Christo»

Os admiradores da *Imitação de Christo* sentem que o auctor de tão boa obra não seja conhecido.

Esta importante questão, baldadamente agitada no seculo XVII entre os Kempistas e os Jersenitas, parece motivada n'uma these latina sustentada pelo snr. Bernard deante da Faculdade de Letras de Paris, e cujas conclusões podem reduzir-se ao seguinte, expostas por Clemente Gourju, membro honorario da Faculdade catholica de Letras.

1.^a A *Imitação* é do seculo XIII e a sua data aproximada é de 1240.

2.^a E' obra d'um Religioso e feita para Religiosos.

3.^a Só tem um auctor, como o de-

monstra a unidade do plano, de doutrina e d'estylo.

4.^a O auctor não é Thomaz A. Kempis, que apenas foi um habil traductor, e cujo estylo é muito differente do da *Imitação*.

5.^a Por ultimo, o auctor da *Imitação* é Jersen, superior dos Benedictinos de Vercelli (Italia do Norte).

Se o snr. Bernard não adianta mais, como parece, para nós ficam subsistindo as mesmas duvidas.

Relatorio do Apostolado da Oração em Portugal

Recebemos este relatorio, pelo qual se vê desenvolvidamente o movimento do Apostolado em Portugal. Por elle se vê que no anno de 1895-96 havia 79 circulos diocesanos e directores, 1:206 centros locais, 1:156 directores locais, 954:985 associados de 1.^o grau, 374:774 de segundo, 64:623 de terceiro; que se celebraram 13:426 missas da 1.^a sexta-feira; que se fizeram 6:849 reuniões de zeladores, 7:378 praticas aos associados, que falleceram 12:950 associados, que havia 2:350 assignaturas do *Mensageiro*, que se realisaram 17:516 primeiras communhões, 3.185:684 communhões de devoção, 1:004 festas ao Sagrado Coração de Jesus, 765 novenas, 584 mezes ao S. C. de Jesus, 304 casamentos de consciencia, 88 confissões e conversões notaveis, 54 baptismos de adultos e 2.506:430 boas obras offerecidas ao S. Coração de Jesus.

No prologo diz o rev.^{mo} snr. Padre Bento José Rodrigues:

Aos leaes amigos do Sagrado Coração de Jesus

Senhores: — Ahí vão as provas do grande movimento e vitalidade do Apostolado da Oração no 25.^o anniversario da sua organização regular em Portugal. O presente Relatorio é o decimo da minha gerencia da Direcção central e tambem o ultimo. Pois como já sabeis, em virtude da ultima revisão, a que por ordem da Santa Sé se procedeu, nos Estatutos do Apostolado da Oração, compõe-se o pessoal directivo de um Director Geral, residente em Roma, d'um Director Geral Delegado, na cidade de Tolosa em França, Directores diocesanos e locais. Cessaram por conseguinte os *Directores centraes* e findaram as attribuições que com este titulo eu tive n'este reino. Os Estatutos na sua nova fórma já sahiram no *Novo Mensageiro* (numero 191) e aqui se reproduzem para melhor chegarem ao conhecimento de todos.

O desenvolvimento, que n'esses 10 annos da minha gerencia recebeu o Apostolado da Oração em Portugal e suas colonias, não me cabe a mim dizer-o.

Quem quizer formar ideia póde confrontar os Relatorios de 1886 e 1896. Eu apenas digo, que se alguma coisa pude fazer, deve-se á cooperação activa e desinteressada dos meritissimos Directores diocesanos e locais, e d'um modo especial (por que occultal-o?) de muitos benemeritos e nunca assaz louvados Zeladores e Zeladoras, que tanto a peito e com tamanha dedicação tomam os interesses do Sagrado Coração de Jesus, promovidos pelo mesmo Apostolado.

E agora?—Agora é preciso que se trabalhe para que o Apostolado da Oração em Portugal não morra na *flôr dos annos*. A obra é de Deus, é santa e é grandemente moralisadora e por isso singularmente sympathica. Faça pois cada qual por ella tudo quanto puder, que eu como particular tambem continuarei a promover a por todos os meios ao meu alcance.

Praza ao Divino Coração abençoar os nossos esforços, protegendo uma obra que é sua por tantos titulos.

Arte de dourar

Assim se intitula um precioso livrinho de cem paginas que o seu auctor, o snr. Francisco Liberato Telles de Castro da Silva, habil conductor de 1.^a classe do quadro auxiliar do corpo de engenharia civil, teve a gentileza de nos offerecer.

Como o seu titulo o demonstra este livro ensina a fazer todos os douramentos em livros, em couros, em porcelana, em vidro, etc. e indica tudo o que é necessario para tal fim.

Se o snr. Liberato Telles não tivesse já por mais d'uma vez comprovado a sua intelligencia e illustração, bastaria este trabalho para o reputar como homem de profundos conhecimentos.

A *arte de dourar* conta já duas edições, pois a primeira, segundo diz o snr. Liberato Telles no prologo da sua obra, foi em parte destruida por um incendio.

Ao snr. Francisco Liberato Telles de Castro da Silva agradecemos a fineza da offerta de tão bom livro.

A soberana de Inglaterra e as Irmãs da Caridade

Entre as religiosas do hospital militar da rua *Great Ormund*, de Londres, ha quatro que durante a guerra de Criméa, prestaram os seus sollicitos cuidados aos feridos e enfermos. A mais nova tem sessenta e nove annos de idade e a mais velha conta oitenta e um. Estas quatro senhoras continuavam n'aquelle hospital a desempenhar a sua caritativa missão, sem preoccupar-se de nada mais, quando durante as festas do jubileu da rainha Victoria receberam a noticia que esta soberana não só as tinha condecorado com a cruz

vermelha de beneficencia, mas ella mesma queria ter a honra de lh'as entregar no palacio de Windsor. No dia seguinte ao da notificação, um trem do palacio foi buscal-as ao hospital, sendo as Irmãs recebidas pela rainha, que, depois de prodigalisar-lhes phrases de admiração e de merecido elogio, lhes collocou no habito a cruz vermelha. Depois de muito familiarmente ter fallado por espaço d'uma hora com as Irmãs, estas foram conduzidas ao hospital no mesmo trem em que tinham ido.

Cá, no *fidelissimo* Portugal, dá-se o inverso: apenas se fallou ha dias em mandar para o hospital da Guarda as Irmãs hospitaleiras os jornaes jacobinos começaram a tocar a rebate e a protestar contra o projecto (é pena esta bella ideia estar só em projecto) da sua admissão no hospital. Felizmente a ceulema não deu o resultado que os jacobinos previam, porque o povo já está farto de os conhecer e quando o vê assanhado voltam-lhe as costas.

Meditamento perigoso

E' costume muito antigo applicar a teia de aranha para estancar o sangue que brota de qualquer golpe, mas as vantagens da applicação não compensam os damnos occasionados por esta pratica.

E' preciso notar que os insectos que produzem essas teias, as tecem quasi sempre á maneira de rêde, em sitios immundos, como nos gallinheiros, estrumeiras, etc., de modo que os bacillos ou microbios que n'estes sitios existem se acham tambem nas teias de aranha e a sua inoculação póde produzir, e já tem produzido, o terrivel e mortal accidente chamado *tétano*.

O segredo da confissão

Ha 44 annos, foi em 1853, que o Padre Kobyłowicz, Parocho de Oralow, aldeia do districto de Lipawice, Russia, foi preso como assassino.

O administrador das propriedades do senhor d'aquelle comarca fôra morto com um tiro d'espingarda. O professor da localidade que tambem era organista da igreja, denunciou o Parocho como auctor do crime, valendo-se de cartas anonymas, nas quaes aconselhava o juiz a fazer pesquisas na sachristia e na igreja.

Os agentes da justiça fizeram o que as cartas aconselhavam, e encontraram uma escopeta de dous canos, escondida atraz do altar-mór, chegando a apurar-se que aquella arma havia servido para perpetrar o assassinato: era a escopeta do Parocho.

Este protestou energicamente a sua innocencia; mas não tardaram a accumular-se provas tão habilmente formuladas contra elle, que não foi possivel

pôr em duvida a veracidade da imputação, na qual não deixou de influir a perseguição systematica á sua classe e religião.

Em resumo, aquelle pobre sacerdote, que até então era tido como um santo varão, foi condemnado por homicidio a prisão perpetua. Conduziram-n'o a Gilmir, onde devia soffrer primeiramente a pena de degradação.

O Bispo Borowski cumpriu, derramando copiosas lagrimas, esta lugubre cerimonia. Todos os que presenciaram este acto, choravam, emquanto que o paciente, cheio de valor e de heroica resignação, se inclinava ante a vontade de Deus, protestando mais uma vez a innocencia. No dia seguinte foi deportado para a Siberia, d'onde não havia de voltar.

Passou-se tempo; decorreram vinte annos, o nome do Padre Kobyłowic apenas se conservava na memoria d'alguns anciãos de Oralow, quando o organista d'esta povoação cahiu gravemente doente e teve que chamar o Parocho que havia substituído o já olvidado Kobyłowic.

Ao chegar o novo Parocho a casa do moribundo, encontrou reunidos um grande numero de seus parochianos, assim como as principaes auctoridades.

Quando o enfermo viu entrar o Parocho fez um esforço para se sentar no leito, e com voz agonizante disse:

A todas as pessoas que se acham presentes peço me escutem attentamente para ouvirem a confissão d'um criminoso que vae expiar suas culpas no tribunal de Deus. Fui eu que matei o antigo administrador das propriedades do senhor da freguezia, com o depravado fim de casar com a sua viuva. Fui eu que com cartas anonymas denunciei como auctor d'este crime o Parocho Kobyłowic. Fui eu que colloquei atraz do altar a escopeta que lá foi encontrada.

Horriavelmente atormentado e devorado por crueis remorsos, sollicitei e obtive a graça de visitar o Parocho

Kobyłowic na sua prisão, e alli, sob o sigillo da confissão, declarei-lhe francamente o meu crime. Mas não tive coragem para apresentar-me como criminoso e entregar-me nas mãos da justiça, pelo que deixei sentenciar e condemnar aquelle pobre sacerdote para expiar o crime que eu commetti.

A voz do moribundo foi afrouxando lentamente, e pouco depois d'esta declaração compareceu perante o tribunal divino. Informadas as auctoridades d'este facto, mandaram pôr em liberdade o Parocho Kobyłowic. Era tarde!... Este heroico ministro do Senhor havia succumbido pouco antes, victima do rigor do seu desterro, levando para o tumulo o segredo da confissão.

A religião do dinheiro

Emquanto os Prelados catholicos portuguezes, hespanhoes, francezes, etc., morrem pouco menos que na pobreza, ou repartindo o pouco que de seus mesquinhos rendimentos lhes fica em esmolas a familias necessitadas ou casas de beneficencia, a immensa maioria dos bispos protestantes morrem deixando escandalosas fortunas a seus filhos ou parentes, muitos d'elles favorecidos já de antemão por elles, com numerosos e pingues beneficios.

N'uma nota official, apresentada ha annos á camara dos communs de Inglaterra, das riquezas legadas em seus testamentos por varios prelados anglicanos, destacam-se os numeros seguintes, para os quaes chamamos a attenção d'esses zelosissimos pastores evangelicos que chamam á nossa religião, elles, os assalariados e encarregados pelas sociedades biblicas de comprar as consciencias dos infelizes a quem seduzem calumniando a Igreja catholica, a religião do dinheiro:

O dr. Stopford, bispo de Sorek, 650:000 francos; o dr. Perey, bispo de Dromore, 1.000:000; o dr. Cleever, bispo de Ferus, 1.250:000; o dr. Bernard, bispo de Limerick, 1.500:000; o dr. Knox, bispo de Xilhalse, 2.500:000;

o dr. Gowler, arcebispo de Dublin, 3.850:000; o dr. Fester, bispo de Clougher, 6.250:000; o dr. Howkins, bispo de Raphoe, 6.500:000; o dr. Beresford, arcebispo de Armagh, 6.500:000; o dr. Agar, bispo de Cashel, 10.000:000 e o dr. Warbuston, 15.000:000. — Total 55.000:000 francos, ou réis 9.900:000\$000!

Quantas miserias não poderiam remediar-se com tres quartas partes, sequer, d'essa enorme somma, se os que podiam dispôr d'ella em seu testamento, se houvessem preocupado mais, em quanto viveram, de acudir ás necessidades dos pobres, que da sorte futura de suas já riquissimas e afortunadas familias e parentes!

Contra a embriaguez

Ha quem veja rigores extraordinarios nas medidas tomadas ultimamente por diversos estados contra a embriaguez. Pois as promulgadas outr'ora eram muitissimo mais severas. As citações para o provar abundam.

Um edito de Francisco I, datado de 1536, ordena que «todo aquelle que fôr encontrado bebendo, seja immediatamente preso e encarcerado a pão e agua pela primeira vez: da segunda vez seja vergastado ou chicotado na cadeia e da terceira fustigado publicamente. Se fôr incorrigivel, será punido com a amputação da orelha, infamia e desterro.» Após os estados geraes de 1560, Carlos IX publicou uma ordenança prohibindo aos habitantes das cidades, villas e aldeias, sob pena de multa e de prisão, ir beber ou comer nas tabernas, devendo os culpados ser aligados a um poste, pelo pescoço, em um beco, para exemplo e correctivo dos outros.»

Notaremos que a alludida ordenança achava a pena em extremo proveitosa ao Estado, porque «os artistas ou seus creados, em dias de festa, dispendem em uma pandega quanto ganharam durante uma semana, aquillo com que sustentariam, vivendo com sobriedade, tanto a si proprios como a sua familia.»

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios. 4000 reis—Estados da India, China, e America (1328) réis, moeda portugueza—
Numero avulso 100 réis

As assignaturas são pagas adeantadamente

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a

Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria 74—PORTO.

Typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—Porto

Typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—Porto